

HABITAÇÃO

Famílias temem não ter onde morar e querem prazo maior para saírem de invasão situada no Setor de Abastecimento e Armazenagem Norte

Adauto Cruz



APREENSIVOS COM A AMEAÇA DE EXPULSÃO, OS INVASORES RECLAMAM DO POUCO TEMPO DADO PELO GOVERNO PARA QUE ELES DEIXEM O LOCAL

Governo ameaça despejar invasores

João Carlos Rodrigues

Da equipe do **Correio**

Elas não têm para onde ir. Nem sabem o que farão caso fiquem sem os seus minúsculos barracos de madeira, onde vivem espremidas com os filhos. São as 12 famílias de moradores da invasão localizada atrás do San Park Hotel, no Setor de Abastecimento e Armazenagem Norte (SAAN). Ameaçados de serem expulsos da área hoje de manhã, os cerca de 60 invasores estavam aflitos ontem à noite. “A gente precisa de mais tempo para sair daqui”, não cansava de repetir o jardineiro Raimundo dos Reis Freitas — um maranhense de 44 anos e pai de oito filhos —, referindo-se ao aviso dado por fiscais da Administração de Brasília para abandonarem o local.

A área de 12 metros de largura por 100 de comprimento começou a ser invadida há 12 anos.

Nos fundos do terreno, famílias de migrantes nordestinos ergueram barracos de madeira com no máximo três cômodos. Alguns têm piso de cimento, outros não. A luz vem de uma gambiarra e a água, retirada de empresas vizinhas à invasão, chega em baldes e latões. Na frente do lote há um trailer pintado de azul — único ponto de encontro dessa gente de pele morena e estatura baixa que trocou cidades do interior da Bahia, Maranhão, Piauí e Ceará e partiu em busca de melhores dias em Brasília.

Foi ali, em frente ao trailer do baiano Genildo de Souza, 31 anos, que os moradores da invasão se reuniram ontem à noite para compartilhar a angústia e o medo provocado pelo recado dado no início da tarde por fiscais da Administração de Brasília. “Eles vieram aqui numa caminhonete com o logotipo do governo e disseram que tínha-

mos seis horas para sair do local”, contou o auxiliar de frigorífico José Genaro Pereira Costa — um cearense de 29 anos, instrução primária, pai de uma menina e salário de R\$ 300.

“A gente não pode ser retirado daqui de uma hora para outra e ter nossas coisas jogadas em cima de um caminhão”, protestou Genaro, morador da invasão há 11 anos. Mesmo com a ajuda da mulher, a diarista Vera Cristina Torres Serão, 20, ele não tem condições de alugar agora um imóvel em outra área do Distrito Federal. “A gente está pagando os móveis. Precisamos de pelo menos dois meses para sair da invasão. Só queremos um tempo para nos equilibrar.”

Situação semelhante é a do jardineiro Raimundo, oito filhos, tentar a família de R\$ 256 mensais. “Se me tirarem daqui e não tiver para onde ir, quero que me

ra a cadeia”, desabafou o homem negro, de estatura baixa e mãos calejadas. Há três anos, a família do maranhense está inscrita no Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (Idhab) para comprar um lote. Até agora, porém, não foi chamada pelo governo.

“O governo está agindo errado com a gente. Sabemos que isso aqui não é nosso, mas precisamos de tempo para sair”, afirmou uma moradora, que preferiu não se identificar. Preso a uma cadeira de rodas desde 1991, em consequência de um acidente de trânsito, o comerciante Genildo não reclamava apenas da ameaça de invasão. “Os homens que vieram aqui dar o aviso levaram três caixas de bebidas do meu comércio, alegando que não podia vendê-las”, queixou-se, dizendo que havia sofrido um prejuízo de R\$ 150 com a apreensão da mercadoria.